

UMA ESTAÇÃO DE AMOR

Horacio Quiroga

Primavera

Era terça-feira de Carnaval. Nébel acabava de entrar no curso já ao escurecer e, enquanto desfazia um pacote de serpentinas, olhou para a carruagem da frente. Surpreendido por uma cara que não tinha visto no carro na tarde anterior, perguntou aos companheiros:

— Quem é? Não parece feia.

— Um demónio! É lindíssima. Acho que é sobrinha, ou qualquer coisa assim, do doutor Arrizabalaga. Chegou ontem, creio...

Nébel fixou atentamente os olhos na bela criatura. Era uma rapariga ainda muito jovem, não teria mais de catorze anos, mas já era núbil. Tinha, por baixo do cabelo muito escuro, um rosto de suprema brancura, desse mate e cetim que é património exclusivo das cútis muito finas. Olhos azuis, rasgados, perdendo-se em direcção às têmporas entre negras pestanas. Talvez um pouco separados, o que, por baixo de uma fronte tersa, dá um ar de grande nobreza ou de grande obstinação. Mas os seus olhos, tal como eram, enchiam aquele rosto em flor com a luz da sua beleza. E Nébel, ao senti-los detidos, por um momento, nos seus, ficou deslumbrado.

— Que encanto! — murmurou, ficando imóvel com um joelho sobre o almofadão do vice-rei. Um instante depois as serpentinas voavam para a vitória. As duas carruagens estavam já enlaçadas por uma ponte suspensa de papel e a responsável por isso sorria de vez em quando ao galante rapaz.

Mas tudo aquilo roçava já a falta de respeito para com as outras pessoas, para com os cocheiros e até para com a carruagem: as serpentinas choviam sem cessar. Tanto assim que as duas pessoas sentadas atrás se voltaram e, mesmo sorrindo,

examinaram atentamente o esbanjador. — Quem são? — perguntou Nébel em voz baixa.

— O doutor Arrizabalaga... Certamente não o conheces. A outra é a mãe da tua rapariga... É cunhada do doutor.

Depois do exame, Arrizabalaga e a senhora sorriram francamente perante aquela exuberância de juventude. Nébel sentiu-se na obrigação de os saudar, ao que o terceto respondeu com jovial condescendência.

Este foi o princípio de um idílio que durou três meses, no qual Nébel investiu quanta adoração cabia na sua apaixonada adolescência. Enquanto o curso continuou e em Concórdia se prolongou até horas incríveis, Nébel estendeu incessantemente o braço para a frente, tão bem que o punho da sua camisa desabotoada bailava sobre a mão.

No dia seguinte a cena repetiu-se; e como desta vez o curso recomeçava de noite com uma batalha de flores, Nébel esgotou num quarto de hora quatro imensos cestos. Arrizabalaga e a senhora riam-se, voltando a cabeça frequentemente, e a jovem quase não afastava os seus olhos de Nébel. Este lançou um olhar de desespero aos seus cestos vazios. Mas sobre o almofadão do vice-rei restava ainda um pobre ramo de sempre-vivas e jasmins do país. Nébel saltou com ele sobre a roda do vice-rei, quase deslocou um tornozelo, e, correndo para a vitória, ofegante, empapado em suor e com o entusiasmo à flor dos olhos, estendeu o ramo à jovem. Ela, atordoada, procurou outro, mas não o tinha. Os seus acompanhantes riam-se.

— Mas, louca! — disse a mãe assinalando-lhe o peito. — Tens aí um!

A carruagem arrancava a trote. Nébel, que tinha descido aflito do estribo, correu e apanhou o ramo que a jovem lhe estendia com o corpo quase fora do carro.

Nébel tinha chegado há três dias de Buenos Aires, onde concluía os estudos secundários. Tinha lá permanecido sete anos, de tal modo que o seu conhecimento da actual sociedade de Concórdia era mínimo. Deveria ficar ainda quinze dias na sua cidade natal,

gozados em pleno sossego de alma, senão também de corpo. E logo ao segundo dia perdia toda a sua serenidade. Mas, em compensação, que encanto!

— Que encanto! — dizia a si mesmo pensando naquele raio de luz, flor e carne feminina que lhe tinha chegado da carruagem. Reconhecia-se real e profundamente deslumbrado e apaixonado, obviamente.

E se ela quisesse!... Querê-lo-ia? Para se elucidar, Nébel confiava, mais do que no ramo do seu peito, na precipitação aturdida com que a jovem tinha procurado algo para lhe dar. Lembrava-se do brilho dos seus olhos quando o viu chegar a correr, da inquieta expectativa com que o aguardou; e, noutra plano, da languidez do seu jovem peito, ao estender-lhe o ramo.

E agora, está tudo acabado! Ela partia no dia seguinte para Montevideo. Que importância tinha o resto, Concórdia, os seus amigos de antes, o seu próprio pai? Pelo menos iria com ela até Buenos Aires.

Efectivamente, fizeram a viagem juntos e nela Nébel atingiu o mais alto grau de paixão a que pode chegar um romântico rapaz de dezoito anos que se sente amado. A mãe acolheu o quase infantil idílio com afável condescendência, e ria-se frequentemente ao vê-los, falando pouco, sorrindo sem cessar, e admirando-se infinitamente.

A despedida foi breve porque Nébel não quis perder o último vestígio de sensatez que lhe restava, evitando correr atrás dela.

Elas voltariam a Concórdia no Inverno, talvez durante uma temporada. Iria ele? O quê? Não voltar eu? E enquanto Nébel se afastava devagar pelo cais, voltando-se a cada momento, ela, de peito apoiado na amurada, a cabeça baixa, seguia-o com os olhos, e na prancha os marinheiros levantavam os seus, risonhos, àquele idílio e ao vestido, ainda curto, da terníssima noiva.

Verão

A 13 de Junho Nébel voltou a Concórdia e, embora desde o primeiro momento soubesse que Lídia estava lá, passou uma semana sem se inquietar nem muito nem pouco com ela. Quatro meses é tempo de sobra para um relâmpago de paixão, e apenas na água parada da sua alma um último resplendor conseguia criar ondas no seu amor-próprio.

Sentia, isso sim, curiosidade em vê-la. Até que um nímio incidente, picando a sua vaidade, o arrastou de novo. No primeiro domingo, Nébel, como qualquer bom rapaz da aldeia, esperou à esquina pela saída da missa. Por fim, e por acaso as últimas, ativas e olhando em frente, Lídia e a mãe avançaram por entre a fila de rapazes.

Nébel, ao vê-la de novo, sentiu que os seus olhos se dilata-
vam para sorver em toda a sua plenitude a figura bruscamente adorada. Esperou com ânsia quase dolorosa o instante em que os olhos dela, num súbito resplendor de ditosa surpresa, o reconheceriam entre o grupo.

Mas passou com o seu frio olhar fixo em frente.

— Parece que já não se lembra de ti — disse-lhe um amigo que a seu lado tinha acompanhado o incidente.

— Não muito! — sorriu ele. — E é pena porque gostava realmente da miúda.

Mas quando ficou sozinho chorou para si mesmo a sua desgraça. E agora que a tinha voltado a ver! Como, como a tinha amado sempre, ele que pensava nem se lembrar mais! Acabou-se! Pum, pum, pum! — repetia sem se aperceber. — Pum! Tudo se acabou!

De repente: E se não me tivesse visto?... Claro! É claro!

O seu rosto animou-se de novo, e acolheu esta vaga probabilidade com profunda convicção.

Às três batia à porta do doutor Arrizabalaga. A sua intenção era elementar: com qualquer mísero pretexto consultaria o advogado e talvez a visse.

Foi para lá. Uma súbita corrida pelo pátio foi a resposta à campainha e Lídia, para deter o impulso, teve de se agarrar violentamente à porta de vidro. Viu Nébel, soltou uma imprecação, e, ocultando com os braços a ligeireza da sua roupa, fugiu ainda mais velozmente.

Um instante depois a mãe abria o consultório e acolhia o seu antigo conhecido com uma complacência ainda mais viva do que quatro meses antes. Nébel não cabia em si de prazer e como a senhora não parecia inquietar-se com as preocupações jurídicas de Nébel, este também preferiu um milhão de vezes a sua presença à do advogado.

Com tudo isto, Nébel sentia-se sobre brasas vivas de uma felicidade demasiado ardente. E como tinha dezoito anos, desejava ir-se embora rapidamente para gozar a sós e sem timidez a sua imensa felicidade.

— Tanta pressa! — disse-lhe a senhora. — Espero que tenhamos o gosto de o voltar a ver... Não é verdade?

— Oh, sim senhora!

— Em casa todos teríamos muito prazer... Suponho que todos! Quer que consultemos? — sorriu com maternal ironia.

— Oh, do fundo do coração! — concluiu Nébel.

— Lídia! Vem cá um momento! Está aqui uma pessoa tua conhecida.

Lídia chegou quando ele já estava de pé. Avançou ao encontro de Nébel, os olhos cintilantes de felicidade, e estendeu-lhe um grande ramo de violetas, com adorável torpeza.

— Se não for incómodo — prosseguiu a mãe, — poderia vir todas as segundas-feiras... Que lhe parece?

— Que é muito pouco, senhora! — respondeu o rapaz.

— Às sextas-feiras também... Permite-me?

A senhora desatou a rir.

— Que apressado! Eu não sei... Vejamos o que diz Lídia. O que achas, Lídia?

A criatura, que não afastava os seus sorridentes olhos de Nébel, disse-lhe *sim!* mesmo na cara, uma vez que a ele devia a sua resposta.

— Muito bem: então até segunda-feira, Nébel!

Nébel objectou.

— Não me permitiria vir esta noite? Hoje é um dia extraordinário...

— Bom! Esta noite também! Acompanha-o, Lídia.

Mas Nébel, com uma louca necessidade de movimento, despediu-se ali mesmo e fugiu com o seu ramo, cujo caule já quase tinha desfeito, e com a alma projectada para o último céu da felicidade.

Durante dois meses, em todos os momentos em que se viam, em todas as horas que os separavam, Nébel e Lídia adoraram-se. Para ele, romântico até sentir o estado de dolorosa melancolia que provoca um simples chuvisco que acinzenta o pátio, aquela criatura, com a sua cara angelical, os seus olhos azuis e a sua precoce plenitude, encarnava a soma possível do ideal. Para ela, Nébel era varonil, bom moço e inteligente. Não havia, no seu mútuo amor, outra nuvem senão a menoridade de Nébel.

O rapaz, pondo de lado estudos, cursos e outras coisas supérfluas, queria casar-se. De certeza absoluta só havia duas coisas: que para ele era *absolutamente* impossível viver sem Lídia e que enfrentaria tudo o que se lhe opusesse. Pressentia — ou melhor, sentia — que ia fracassar rudemente.

O seu pai, com efeito, profundamente desgostado com o ano que Nébel perdia, depois de um namorisco de Carnaval, pretendia pôr os pontos nos is com terrível vigor. Um dia, em finais de Agosto, falou por fim com o filho: — Disseram-me que continuas com as tuas visitas à casa de Arrizabalaga. É verdade? Porque tu não te dignas dizer-me nem uma palavra. Nébel viu toda a tormenta nessa forma de dignidade, e a voz tremeu-lhe imperceptivelmente ao responder: — Se não te disse nada, papá, é porque sei que não gostas que te fale nisso.

— Bah! Como hei-de gostar; podes, de facto, poupar-te a esse trabalho... Mas gostaria de saber qual é o teu estado. Vais a essa casa como noivo?

— Sim.

— E recebem-te formalmente?

— Acho que sim...

O pai olhou-o fixamente e tamborilou com os dedos sobre a mesa.

— Está bem! Muito bem!... Ouve-me, porque tenho o dever de te mostrar o caminho. Sabes bem o que estás a fazer? Já pensaste no que pode acontecer?

— Acontecer?... O quê?

— Que te cases com essa rapariga. Mas repara: pelo menos já tens idade para reflectir. Sabes quem é? De onde vem? Conheces alguém que saiba que vida leva em Montevideo?

— Papá!

— Sim, o que é que fazem lá! Bah! Não faças essa cara...

Não me refiro à tua... noiva. Essa é uma criança e como tal não sabe o que faz. Mas sabes de que vivem?

— Não! Nem me importa, porque embora sejas meu pai...

— Bah, bah, bah! Deixa isso para depois. Não te falo como pai, mas como qualquer homem honrado poderia falar-te. E, uma vez que te indigna tanto aquilo que te pergunto, averigua junto de quem te quiser contar que tipo de relação tem a mãe da tua noiva com o cunhado, pergunta!

— Sim, já sei que foi...

— Ah! Sabes que foi a querida do Arrizabalaga? E que ele ou outro qualquer sustentam a casa de Montevideo? E ficas tão fresco!... Sim, bem sei! A tua noiva não tem nada a ver com isto, já sei! Não há impulso mais belo junto do que o teu... Mas anda com cuidado porque podes chegar tarde... Não, não, acalma-te! Não tenho a menor intenção de ofen-der a tua noiva, e acho, tal como já te disse, que ainda não está contaminada pela

podridão que a rodeia. Mas se a mãe quer vender-ta em matrimónio, ou melhor, à fortuna que vais herdar quando eu morrer, diz-lhe que o velho Nébel não está disposto a esses negócios e que antes o levará o diabo do que consentir esse casamento. Nada mais te quero dizer.

O rapaz gostava muito do pai, apesar do seu carácter; saiu cheio de raiva por não ter podido desafogar a sua ira, tanto mais violenta quanto ele próprio a sabia injusta. Há bastante tempo que não o ignorava. A mãe de Lídia tinha sido a querida de Arrizabalaga em vida do marido e ainda durante quatro ou cinco anos depois. Viam-se de tarde em tarde, mas o velho libertino, agora amarfanhado na sua artrite de solteirão doentio, distava muito de ser, relativamente à sua cunhada, aquilo que se pretendia; e se mantinha a mãe e a filha, fazia-o por uma espécie de agradecimento de ex-amante, e sobretudo para fomentar os actuais boatos que engordavam a sua vaidade.

Nébel recordava a mãe da noiva; e com um estremecimento de rapaz, louco por mulheres casadas, recordava certa noite em que, juntos e reclinados, folheando uma *Illustration*, tinha acreditado sentir, sobre os seus nervos subitamente tensos, um profundo hálito de desejo, que surgia do corpo em plenitude que se roçava nele. Ao levantar os olhos, Nébel sentiu o olhar dela, embriagada, cair pesadamente sobre o dele.

Ter-se-ia enganado? Era terrivelmente histérica, mas com raríssimas crises explosivas; os desordenados nervos repicavam para dentro e daí a doentia tenacidade num qualquer disparate e o súbito abandono de uma convicção; e nos preliminares da crise, a crescente obstinação, convulsiva, aumentando com grandes tijolos de absurdos.

Abusava da morfina com angustiante necessidade e por elegância. Tinha trinta e sete anos; era alta, com lábios muito grossos e acesos que se humedeciam sem cessar.

Sem serem grandes, os olhos pareciam-no pela forma e por ter longas pestanas; mas eram admiráveis de sombra e fogo. Pintava-se. Vestia, tal como a filha, com perfeito bom gosto, e esta era, sem dúvida, a sua maior sedução. Como mulher, devia ter tido um profundo encanto; agora a histeria tinha trabalhado

muito o seu corpo — sendo, obviamente, doente do ventre. Quando a chicotada da morfina passava, os olhos embaciavam-se-lhe e da comissura dos lábios, do lábio globoso, pendia uma fina redezinha de rugas. Mas, apesar disso, a mesma histeria que lhe desfazia os nervos era o alimento, um pouco mágico, que sustinha a sua tenacidade.

Amava Lídia de forma entranhável; e com a morbidade das burguesas histéricas, teria envilecido a própria filha para a fazer feliz — isto é, para lhe proporcionar aquilo que teria feito a sua própria felicidade.

Assim, a inquietação do pai de Nébel a este respeito tocava no mais fundo das cordas de amante do seu filho.

Como escapou Lídia? Porque a limpidez da sua cútis, a franqueza da sua paixão de rapariga, que surgia com adorável liberdade, dos seus olhos brilhantes, eram, não só uma prova de pureza, mas também um degrau de nobre gozo pelo qual Nébel subia triunfal a arrancar brutalmente a planta podre na flor que o solicitava.

Esta convicção era tão intensa, que Nébel nunca a tinha beijado. Uma tarde, depois de almoçar, quando passava pelas terras de Arrizabalaga, tinha sentido um louco desejo de vê-la. A sua esperança foi realizada pois encontrou-a só, em robe, os caracóis sobre a face. Como Nébel a reteve contra a parede, ela, envergonhada e rindo-se, recostou-se no muro. E o rapaz, à sua frente, tocando-a quase, sentiu nas suas mãos inertes a elevada felicidade de um amor imaculado, que tão facilmente poderia sujar.

Mas depois, quando fosse sua mulher! Nébel precipitava o seu casamento tanto quanto lhe era possível. A sua maioridade, obtida nesses dias, permitia-lhe por herança materna suportar os gastos. Faltava o consentimento do pai, e a mãe de Lídia apreciava este detalhe.

A situação dela, sobejamente equívoca em Concórdia, exigia uma aprovação social, que desde o princípio deveria começar pela do futuro sogro da sua filha. E, sobretudo, aguentava-a o

desejo de humilhar, de forçar a moral burguesa a dobrar os joelhos perante a mesma inconveniência que a desprezou.

Já várias vezes tinha tocado no assunto com o futuro genro, com alusões a «o meu sogro»... «a minha nova família»... «a cunhada da minha filha». Nébel calava-se, e os olhos da mãe brilhavam então com mais fogo.

Até que um dia a chama se levantou. Nébel tinha marcado o seu casamento para 18 de Outubro. Faltava mais de um mês, mas a mãe fez entender claramente ao rapaz que queria a presença do seu pai essa noite.

— Será difícil — disse Nébel, depois de um mortificante silêncio. — Custa-lhe muito sair à noite... Nunca sai.

— Ah! — limitou-se a exclamar a mãe, mordendo rapidamente o lábio. Outra pausa se seguiu, mas esta já de presságio. — Mas você não vai fazer um casamento clandestino, pois não?

— Oh! — sorriu Nébel com dificuldade. — Meu pai acha o mesmo.

— E então?

Novo silêncio, cada vez mais tempestuoso.

— É por mim que o senhor seu pai não quer assistir?

— Não, não senhora! — exclamou por fim Nébel, impaciente.

— É a sua forma de ser... Se quiser falarei novamente com ele.

— Eu, querer? — sorriu a mãe, dilatando as narinas.

— Faça o que lhe parecer... Quer sair agora, Nébel? Não me sinto bem.

Nébel saiu, profundamente desgostoso. Que poderia dizer a seu pai? Este sustinha sempre a sua rotunda oposição a tal casamento, e o filho já tinha empreendido as gestões necessárias para prescindir da sua autorização.

— Podes fazer isso e tudo o que te der na gana. Mas o meu consentimento para que essa depravada seja tua sogra, nunca!

Três dias depois, Nébel decidiu acabar com esta situação de uma vez por todas, e para tal aproveitou um momento em que Lídia não estava.

— Falei com meu pai — começou Nébel — e disse-me que lhe será completamente impossível assistir.

A mãe pôs-se levemente pálida, enquanto os seus olhos, num súbito fulgor, se alongavam para as fontes.

— Ah! E porquê?

— Não sei — ripostou Nébel com voz surda.

— Ou seja... o senhor seu pai teme sujar-se se puser aqui os pés.

— Não sei! — repetiu ele, por sua vez obstinado.

— Então é uma ofensa gratuita o que nos faz esse senhor? O que é que ele pensa? — acrescentou com a voz já alterada e os lábios trementes. — Quem é ele para se dar esses ares?

Nébel sentiu então a chicotada da reacção na cepa profunda que era a sua família.

— O que é, não sei! — concluiu por sua vez, de forma precipitada. — Mas não só se nega a assistir, como nem sequer dá o seu consentimento.

— O quê? Nega-se? E porquê? Quem é ele? O mais autorizado para isto! Nébel levantou-se:

— Você não...

Mas ela também já se tinha levantado.

— Sim, sim! Você é uma criança! Pergunte-lhe como fez a sua fortuna, roubada aos seus clientes! E com esses ares! A sua família irrepreensível, sem nódoa, enche a boca com isso! A sua família!... Peça-lhe que lhe diga quantos muros tinha de saltar para ir dormir com a mulher antes de se casar! Sim, e vem-me com a sua família!... Muito bem, vá-se embora; estou farta de hipocrisias!

Divirta-se!

Nébel viveu quatro dias no mais profundo desespero.

O que poderia esperar depois de tudo o que acontecera?

Ao quinto dia, e ao anoitecer, recebeu um bilhete:

Octávio: Lúdia está bastante doente e só a sua presença poderia acalmá-la.

Maria S. de Arrizabalaga

Era um ardil, não havia dúvidas. Mas se a sua Lúdia na realidade...

Foi lá nessa noite e a mãe recebeu-o com uma tal discrição que surpreendeu Nébel; sem afabilidade excessiva, nem ar de pecadora que pede desculpas.

— Se a quer ver...

Nébel entrou com a mãe e viu o seu adorado amor na cama, o rosto com essa frescura sem pós que unicamente dão os catorze anos, e as pernas encolhidas.

Sentou-se a seu lado, e em vão a mãe esperou que dissessem algo; não faziam nada senão olhar-se e sorrir.

De repente, Nébel sentiu que estavam sós, e a imagem da mãe surgiu nítida: «Vai-se embora para que, no transporte do meu amor reconquistado, perca a cabeça e o casamento seja forçado.»

Mas nesse quarto de hora de gozo final que lhe ofereciam adiantado às custas de uma promissória de casamento, o rapaz de dezoito anos sentiu — como da outra vez contra a parede — o prazer sem a mais ténue nódoa de um amor puro em toda a sua auréola de poético idílio.

Só Nébel pôde dizer o quanto foi grande a sua felicidade recuperada depois do naufrágio. Ele também esquecia o que na mãe tinha sido explosão de calúnia, ânsia raivosa de insultar aqueles que não o merecem. Mas tinha a mais firme decisão de afastar a mãe da sua vida, uma vez casados.

A lembrança da sua terna noiva, pura e sorridente na cama, acendia a promessa de uma voluptuosidade íntegra, à qual não tinha roubado prematuramente o mais pequeno diamante.

Na noite seguinte, ao chegar a casa de Arrizabalaga, Nébel encontrou o saguão escuro. Muito tempo depois a criada entreabriu a janela.

— Saíram? — perguntou ele, admirado.

— Não, vão para Montevideo... Foram a Salto dormir a bordo.

— Ah! — murmurou Nébel, aterrado. Tinha ainda uma esperança.

— O doutor? Posso falar com ele?

— Não está; foi para o clube, depois de comer...

Uma vez na rua escura, Nébel levantou e deixou cair os braços com mortal desalento. Acabou-se tudo! A sua felicidade, a sua dita reconquistada um dia atrás, perdida de novo e para sempre! Pressentia que desta vez não havia redenção possível. Os nervos da mãe tinham saltado como loucos, como teclas, e ele já não podia fazer mais nada.

Caminhou até à esquina e dali, imóvel sob o farol, contemplou com estúpida fixação a casa rosada. Deu uma volta ao quarteirão e voltou a parar por baixo do farol. Nunca, nunca mais!

Até às onze e meia fez a mesma coisa. Por fim, foi para casa e carregou o revólver. Mas uma recordação deteve-o: meses antes tinha prometido a um desenhador alemão que antes de algum dia se suicidar — Nébel era adolescente ... — iria vê-lo. Unia-o ao velho militar de Guillermo uma viva amizade, alicerçada sobre longas conversas filosóficas.

Na manhã seguinte, muito cedo, Nébel batia à porta do pobre quarto do amigo. A expressão do seu rosto era sobejamente explícita.

— É agora? — perguntou-lhe o paternal amigo, estendendolhe firmemente a mão.

— Pff! De qualquer maneira!... — concluiu o rapaz, olhando para outro lado.

O desenhador, com grande calma, contou-lhe então o seu próprio drama de amor.

— Vá para casa — concluiu — e se às onze ainda não tiver mudado de ideias, volte para almoçar comigo, se é que temos o quê. Depois fará o que quiser. Jura?

— Juro! — respondeu Nébel, devolvendo-lhe o seu caloroso aperto de mãos, com uma grande vontade de chorar.

Em casa esperava-o um bilhete de Lídia:

Idolatrado Octávio: o meu desespero não pode ser maior; mas a mamã acha que se eu me casar consigo, estar-me-ão reservadas grandes dores; compreendi, como ela, que o melhor seria separar-mo-nos, e juro-lhe não o esquecer nunca.

Sua, Lídia

— Ah, tinha de ser assim! — exclamou o rapaz, vendo ao mesmo tempo, com espanto, o seu rosto alterado no espelho.

A mãe é que tinha inspirado a carta, ela e a sua maldita loucura! Lídia devia ter-se limitado a tê-la escrito e a pobre rapariga, transtornada, chorava todo o seu amor nessa redacção. — Ah! Se pudesse vê-la algum dia, dizer-lhe de que forma a amei, quanto a amo agora, adorada da minha alma!...

Tremendo, foi até à mesa de cabeceira e pegou no revólver; mas lembrou-se da sua nova promessa e, durante um infundável tempo, permaneceu ali de pé, limpando obstinadamente com a unha uma mancha no tambor.

Outono

Uma tarde em Buenos Aires, acabava Nébel de subir para o eléctrico, quando o carro se deteve um momento mais do que o conveniente, e Nébel, que lia, voltou por fim a cabeça.

Uma mulher, com lento e difícil andar, avançava entre os assentos. Depois de uma rápida olhadela à incómoda personagem, Nébel voltou à leitura. A dama sentou-se a seu lado e, ao fazê-lo, olhou atentamente para o seu vizinho. Nébel, embora de vez em quando sentisse o estrangeiro olhar pousado sobre ele, prosseguiu a sua leitura; mas por fim cansou-se e levantou o rosto, admirado.

— Bem me parecia que era você — exclamou a dama — embora ainda duvidasse... Não se lembra de mim, não é verdade?

— Sim — concluiu Nébel, abrindo os olhos. — A senhora de Arrizabalaga...

Ela reparou na surpresa de Nébel e sorriu com ar de velha cortesã que tenta ainda agradar a um rapaz.

Dela — quando Nébel a tinha conhecido onze anos antes — só restavam os olhos, embora muito fundos e já apagados. A cútis amarela com tons verdosos nas sombras gretava-se em poeirentos sulcos. Os pómulos saltavam agora, e os lábios, sempre grossos, pretendiam ocultar uma dentadura toda cariada. Por baixo do corpo consumido via-se a morfina viva, correndo entre os nervos esgotados e as artérias aquosas, acabando por ter convertido naquele esqueleto a ele-gante mulher que um dia folheara a *Illustration* a seu lado.

— Sim, estou muito envelhecida... e doente; já tive ataques nos rins... E você — acrescentou, olhando-o com ternura, — sempre na mesma! A verdade é que ainda não tem trinta anos... Lídia também está igual.

Nébel levantou os olhos.

— Solteira?

— Sim... Como ficará contente quando lhe contar! Porque não lhe dá esse gosto, à pobre? Não quer ir ver-nos?

— Com muito gosto... — murmurou Nébel.

— Sim, vá depressa; já sabe aquilo que fomos para si...Enfim, Boedo 1483, apartamento 14... A nossa posição é tão mesquinha...

— Oh! — protestou ele, levantando-se para se ir embora.

Prometeu ir brevemente.

Doze dias depois Nébel devia voltar à obra, mas antes quis cumprir a sua promessa. Foi até lá — um miserável apartamento dos arrabaldes. A senhora de Arrizabalaga recebeu-o enquanto Lúdia se arranjava um pouco.

— Com que então, onze anos! — observou novamente a mãe.

— Como passa o tempo! E você que poderia ter tido uma infinidade de filhos de Lúdia!

— Seguramente — sorriu Nébel, olhando à sua volta.

— Oh! Não estamos muito bem! E sobretudo como deve estar montada a sua casa... Estou sempre a ouvir falar dos seus caniçais... É essa a sua única propriedade?

— Sim... Em Entre Rios também...

— Que feliz! Se uma pessoa pudesse... Sempre desejando ir passar uns meses ao campo, e sempre e só o desejo!

Calou-se e lançou um fugaz olhar a Nébel. Este, com o coração apertado, revivia nitidamente as impressões enterradas há onze anos na sua alma.

— E tudo isto por falta de relações... É tão difícil ter um amigo nessas condições!

O coração de Nébel contraía-se cada vez mais, até que Lúdia entrou.

Ela estava também muito mudada, porque o encanto da candura e da frescura dos catorze anos não se volta a encontrar na mulher de vinte e seis. Mas sempre bela.

O seu olfacto masculino sentiu, no seu pescoço delicado, na mansa tranquilidade do seu olhar, e em tudo quanto é indefinível mas que denuncia ao homem o amor já gozado, que

devia guardar escondida para sempre a recordação da Lídia que tinha conhecido.

Falaram de coisas muito triviais, com a total discrição das pessoas já maduras. Quando ela voltou a sair por um momento, a mãe prosseguiu:

— Sim, está um pouco debilitada... e quando penso que no campo se recuperaria rapidamente... Veja, Octávio: permiteme ser franca consigo? Já sabe que lhe quis como a um filho... Não poderíamos passar uma temporada na sua propriedade? Faria tão bem a Lídia!

— Sou casado — concluiu Nébel.

A senhora fez um gesto de viva contrariedade e por momentos a sua decepção foi sincera; de seguida, cruzou as suas cómicas mãos:

— Você casado! Oh, que desgraça, que desgraça! Desculpe, já sabe!... Nem sei o que digo... E a sua senhora vive consigo na propriedade?

— Sim, normalmente... Agora está na Europa.

— Que desgraça! Quer dizer... Octávio — acrescentou abrindo os braços e com lágrimas nos olhos — a si posso contar-lhe, você foi quase como meu filho... Estamos praticamente à beira da miséria! Porque não quer que eu vá com Lídia? Vou fazer-lhe uma confissão de mãe — concluiu, com um pegajoso sorriso e baixando a voz. — Você conhece bem o coração de Lídia, não é verdade?

Esperou pela resposta mas Nébel permanecia calado.

— Sim, você conhece-a! E acha que Lídia é capaz de esquecer, quando amou?

Agora tinha reforçado a sua insinuação com um lento piscar de olhos.

Nébel avaliou então, de repente, o abismo em que poderia ter caído antes. Continuava a ser a mesma mãe; mas agora envilecida pela sua própria alma velha, pela morfina e pela pobreza. E Lídia... Ao vê-la de novo tinha sentido um brusco

golpe de desejo pela actual mulher de voz grave e já marcada pela vida. Perante o que lhe propunham, lançou-se nos braços daquela estranha conquista que o destino lhe apresentava.

— Não sabes, Lídia? — interrompeu a mãe, alvoroçada, ao voltar a filha. — Octávio convida-nos a passar uma temporada na sua propriedade. Que te parece?

Lídia contraiu o sobrolho, fugitiva e inconscientemente, e recuperou a sua serenidade.

— Muito bem, mamã...

— Ah! Sabes o que está a dizer? Está casado. Tão jovem ainda! Somos quase da sua família...

Lídia voltou então os olhos para Nébel e olhou-o por um momento com dolorosa gravidade. — Há muito tempo? — murmurou.

— Quatro anos — concluiu ele em voz baixa. Apesar de tudo, faltou-lhe coragem para a olhar.

Inverno

Não fizeram a viagem juntos, por causa de um último escrúpulo de Nébel, que era muito conhecido naquela linha; mas, ao sair da estação, subiram todos no *brec* da casa. Quando

Nébel ficava sozinho na propriedade não mantinha no serviço doméstico mais do que uma velha índia, pois — para além da sua própria sobriedade — a sua mulher levava sempre consigo todos os serviçais. Assim, apresentou as suas acompanhantes à fiel nativa como sendo uma tia anciã e a sua filha, que vinham recuperar a saúde perdida.

Nada mais credível, por outro lado, pois a senhora debilita-vase vertiginosamente. Tinha chegado desfeita, o pé incerto e pesadíssimo, e na sua fâcies angustiada, a morfina, que a pedido de Nébel tinha sacrificado quatro horas seguidas, pedia a gritos uma corrida por dentro daquele cadáver vivente.

Nébel, que tinha abandonado os seus estudos com a morte do pai, sabia no entanto o suficiente para prever uma rápida catástrofe; o rim atacado tinha por vezes paragens perigosas, que a morfina não fazia senão precipitar.

Já no carro, não podendo aguentar mais, a dama tinha olhado para Nébel com transida angústia: — Se me permite, Octávio... Não posso mais! Lídia, põe-te à minha frente.

A filha, tranquilamente, ocultou um pouco a mãe e Nébel ouviu o restolhar da roupa violentamente recolhida para picar a coxa.

Os olhos acenderam-se e uma plenitude de vida cobriu como uma máscara aquela cara agónica.

— Agora estou bem... Que felicidade! Sinto-me bem.

— Deveria deixar isso — disse cruelmente Nébel, olhando-a de lado. — Quando chegar estará pior. — Oh, não! Antes morrer aqui mesmo.

Nébel passou todo o dia desgostoso e decidido a viver tudo quanto lhe fosse possível, sem ver em Lídia e na sua mãe mais do que duas pobres doentes. Mas ao cair da tarde, e tal como as feras que a essa hora começam a afiar as garras, o cio de macho começou a relaxar-lhe a cintura em cansados arrepios.

Comeram cedo porque a mãe, debilitada, desejava deitar-se de uma vez por todas. Não conseguiram que ela tomasse exclusivamente leite.

— Ui! Que repugnância! Não consigo bebê-lo. E quer que sacrifique os últimos anos da minha vida, agora que poderia morrer contente?

Lídia não pestanejou. Tinha trocado com Nébel poucas palavras, e só no fim do café o olhar dele se fixou no dela; mas Lídia baixou o seu de seguida.

Quatro horas depois, Nébel, sem fazer ruído, abria a porta do quarto de Lídia.

— Quem é? — soou de repente a voz sobressaltada.

— Sou eu — murmurou apenas Nébel.

Um movimento de roupas, como o de uma pessoa que se senta bruscamente na cama, seguiu-se às suas palavras e o silêncio reinou de novo. Mas quando a mão de Nébel tocou, na escuridão, um fresco braço, o seu corpo tremeu então numa profunda sacudidela.

Depois, inerte ao lado daquela mulher que já tinha conhecido o amor antes que ele chegasse, subiu do mais recôndito da alma de Nébel o santo orgulho da sua adolescência, de nunca ter tocado, de não ter roubado nem sequer um beijo à criatura que o olhava com radiante candura. Pensou nas palavras de Dostoievski, que até esse momento não tinha compreendido: «Nada há de mais belo e que mais fortaleça a vida do que uma recordação pura.»

Nébel tinha guardado essa recordação sem nódoa, pureza imaculada dos seus dezoito anos e que agora jazia ali, enlameada até ao cálice, sobre uma cama de criada.

Sentiu então sobre o seu pescoço duas lágrimas pesadas, silenciosas. Ela, por seu lado, recordaria... E as lágrimas de Lídia continuavam uma após outra, a regar, como uma sepultura, abominável fim do seu único sonho de felicidade.

Durante dez dias a vida prosseguiu em comum, embora Nébel estivesse quase todo o dia fora. Por tácito acordo, Lídia e ele poucas vezes se encontravam a sós; e, embora à noite se voltassem a ver, permaneciam ainda longo tempo calados.

A própria Lídia tinha muito que fazer cuidando da mãe, por fim prostrada. Como não havia possibilidade de reconstruir o que já estava podre, mesmo em troca do perigo imediato que causara, Nébel pensou em suprimir-lhe a morfina.

Mas absteve-se numa manhã em que, ao entrar bruscamente na sala de jantar, surpreendeu Lídia, que baixava precipitadamente as saias. Tinha na mão a seringa, e fixou em Nébel o seu olhar assustado.

— Há muito tempo que usas isso? — perguntou-lhe por fim.

— Sim — murmurou Lídia, dobrando a agulha numa convulsão.

Nébel ainda a olhou e encolheu os ombros.

No entanto, como a mãe repetia as suas injeções com uma frequência terrível para afogar as dores dos seus rins, que a morfina acabaria por matar, Nébel decidiu tentar a salvação daquela desgraçada, subtraindo-lhe a droga.

— Octávio! Vai matar-me! — clamou ela com rouca súplica.

— Meu filho Octávio! Não poderia viver nem um dia!

— É que não viverá duas horas se lhe deixo isso! — respondeu Nébel.

— Não me importo, meu Octávio! Dá-me, dá-me a morfina!

Nébel deixou que os braços se estendessem para ele inutilmente e saiu com Lídia.

— Tu conheces a gravidade do estado de tua mãe?

— Conheço... os médicos tinham-me dito...

Ele olhou-a fixamente.

— É que está muito pior do que imaginas.

Lídia ficou lívida e, olhando para fora, afogou um soluço mordendo os lábios.

— Não há médico aqui? — murmurou.

— Aqui não, nem em dez léguas à volta; mas procuraremos.

Nessa tarde chegou o correio, quando estavam a sós na sala de jantar, e Nébel abriu uma carta.

— Notícias? — perguntou Lídia, inquieta, levantando os olhos para ele.

— Sim — concluiu Nébel, prosseguindo a leitura.

— Do médico? — voltou a perguntar Lídia, ainda mais ansiosa.

— Não, da minha mulher — concluiu ele com voz dura, sem levantar os olhos.

Às dez da noite, Lídia chegou a correr aos aposentos de Nébel.

— Octávio! A mamã está a morrer!...

Correram para o quarto da doente. Uma intensa palidez cadaverizava-lhe já o rosto. Tinha os lábios desmesuradamente inchados e azuis, e por entre eles escapava-se um arremedo de palavras, gutural:

— Pla... pla... pla...

Nébel viu imediatamente sobre a mesa de cabeceira o frasco de morfina, quase vazio.

— É claro que vai morrer! Quem lhe deu isto? — perguntou.

— Não sei; Octávio! Há pouco ouvi um barulho...

Certamente foi buscá-lo ao teu quarto quando tu não estavas... Mamã, pobre mamã! — caiu, soluçando, sobre o miserável braço que pendia até ao chão.

Nébel tomou-lhe o pulso; o coração não batia mais e a temperatura caía. Poucos segundos depois os lábios calaram o seu pla... pla, e na pele apareceram grandes manchas arroxeadas.

À uma da manhã morreu. Nessa mesma tarde, depois do enterro, Nébel esperou que Lídia acabasse de se vestir enquanto os trabalhadores levavam as malas para a carruagem.

— Toma isto — disse-lhe, com ela já a seu lado, estendendolhe um cheque de dez mil pesos.

Lídia tremeu violentamente e os seus olhos, avermelhados, fixaram-se em cheio nos de Nébel, porém ele susteve o olhar.

— Toma, então! — repetiu surpreendido.

Lídia apanhou-o e baixou-se para recolher a sua mala.

Então Nébel inclinou-se sobre ela.

— Perdoa-me — disse-lhe. — Não me julgues pior do que aquilo que sou.

Na estação esperaram pouco tempo, sem falar, junto às escadas do vagão, pois o comboio ainda não ia sair. Quando o sino tocou, Lídia estendeu-lhe a mão, que Nébel reteve durante um momento em silêncio.

Depois, sem a soltar, agarrou Lídia pela cintura e beijou-a profundamente na boca.

O comboio partiu. Imóvel, Nébel seguiu com o olhar a janela que se perdia.

Mas Lídia não assomou.